

SAÚDE “À FLOR-DA-PELE”?: PERCEPÇÕES DE CORPO E SAÚDE DE PROFESSORES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO EM GOIÂNIA (GO/BRASIL)¹

Angélica Teixeira da Silva², Ana Márcia Silva³, Tadeu João Ribeiro Baptista⁴

Universidade Federal de Goiás - Faculdade de Educação Física

facul.angel@gmail.com, amarciasi@gmail.com

Palavras chave: corpo, saúde, estética, educação física escolar.

Resumo: Este artigo configura-se como trabalho final de iniciação científica referente ao período de 2010 - 2011 e é parte do projeto de pesquisa “Corpo Gênero e Sexualidade: para além de educar meninas e meninos”; desenvolvido entre os anos de 2009 e 2011, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG) e aprovado pelo comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Goiás, nº 158/08. Com metodologia de caráter descritivo-exploratório, teve como objetivo evidenciar as relações entre corpo, estética e saúde na perspectiva de 34 professores de Educação Física da rede pública de ensino na cidade de Goiânia/GO. Os dados indicam uma compreensão de aparência saudável como sinônimo de saúde, o que denominamos aqui enquanto uma saúde “a flor-da-pele”, e pareceu-nos ser o aspecto estético um destaque no discurso dos professores pesquisados. Conclui-se, então, a importância por melhor discutir o processo de estetização da saúde atrelado a aspectos sócio-históricos de influências como da indústria cultural e da lógica de consumo.

Introdução

As questões relacionadas às concepções de corpo de professores de Educação Física atuantes na área escolar há muito vem sendo tratadas na literatura acadêmica (BARBOSA, 1996), bem como as relações entre corpo e saúde (VAZ, 2002; FRAGA, 2008; MENDES; NOBREGA, 2009) e de saúde e estética (SILVA, 2001, EUFRÁSIO; NOBREGA, 2007).

¹ Revisado pelo orientador.

² Bolsista de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq

³ Professora Associada da Faculdade de Educação Física, Doutora em Ciências Humanas e Coordenadora do LABPHYSIS - Laboratório *Physis* de Pesquisa em Educação Física, Sociedade e Natureza.

⁴ Professor Adjunto da Faculdade de Educação Física. Doutor em Educação pela UFG. Membro do LABPHYSIS.

Tais questões têm se mantido entre os objetos de estudo preferenciais da Educação Física em todos os seus campos de intervenção, seja na escola, na academia de ginástica, serviços de saúde, dentre outros, dada a sua importância, radicalidade e diferenças em cada uma dessas atuações profissionais.

Concordando com LÜDORF (2005, p.244), observamos que os temas em questão possuem relevância no campo acadêmico-profissional da Educação Física, pois, afinal [...]

Independente da frente de trabalho, um dos atores mais reconhecidamente envolvidos com as demandas sócio-corporais contemporâneas e, obviamente, com a educação corporal, ainda que nas mais diferentes perspectivas, é o professor/profissional de Educação Física.

Quando falamos sobre corpo como um tema de pesquisa, concordando com Nóbrega (2001) ao notarmos a evidência do ressurgimento do corpo na contemporaneidade. Segundo ela

Foucault (1979) ressalta que, diferentemente do século passado, o século XX iria priorizar o investimento no corpo, sob a forma de “controle-estimulação”. O poder assume sua materialidade ao investir na “recuperação do corpo”, através de uma complexa rede de investimentos: publicidade, medicina e diferentes técnicas corporais, como a ginástica. Somam-se a esse contexto, as possibilidades colocadas pelas tecnologias do corpo, imagens da mídia e outros universos referenciais. (NOBREGA, 2001, p. 01).

Sendo assim, o corpo ressurge agora com moldes contemporâneos diferenciados dos antigos e se relaciona mais diretamente com outras vertentes outrora reprimidas pelos contextos sociais, tais como a própria estética, assim como também se relaciona com questões emergentes como os inúmeros avanços tecnológicos e com o atual contexto social e suas contradições.

Estas questões nos indicam ser esse um tema emergente no contexto atual, o qual se configura em uma realidade de crescentes olhares ao corpo em suas múltiplas interpretações, seja nas questões pertinentes à saúde, seja nas questões pertinentes à corporalidade dentre outras.

Assim sendo, neste trabalho temos por objetivo evidenciar as relações traçadas sobre corpo, saúde e estética na concepção de professores de Educação Física, assim como tentando buscar possíveis correlações desse processo com aspectos sócio-históricos e com a influência da indústria cultural no cotidiano dos indivíduos, bem como dos professores investigados. Para tanto, realizaremos uma análise da concepção de professores da rede pública de educação nas doze regiões da cidade de Goiânia-Go, com apoio da literatura acadêmica que

embasa nossa discussão acerca de um processo de estetização da saúde que parece estar em curso, ou como aqui denominamos, a construção de uma saúde “à flor-da-pele”.

Meandros da pesquisa

O presente texto constitui-se como relatório final apresentado ao Programa de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), junto a Universidade Federal de Goiás (UFG)- PIBIC/CNPq, com parte dos resultados de pesquisa mais ampla desenvolvida entre os anos de 2009 a 2011 com 34 professores atuantes em 21 escolas, as quais são representativas de doze regiões administrativas da cidade de Goiânia/GO. Dentre as escolas pesquisadas estão instituições das redes municipais de ensino (13 no total), estaduais (7 no total) e uma conveniada.

Dentre os instrumentos de coleta de dados, foi aplicado questionário aos professores com perguntas abertas e fechadas contendo cinco blocos de questões, algumas delas com atenção a sua percepção/relação com as estudantes. Os blocos de questões objetivavam, por ordem, evidenciar o perfil sócio-econômico, a percepção de corpo, gênero e sexualidade, além de outros blocos com questões pertinentes à prática pedagógica e seleção de conteúdos, além de espaço para que os professores manifestassem suas opiniões acerca da temática da pesquisa.

Dentre esses professores, oito (3 mulheres e 5 homens) foram selecionados para participar da entrevista do tipo semi-estruturada com quatro blocos de questões, quais sejam: Avaliação da formação; identificação dos problemas; prática pedagógica; e políticas públicas, além de espaço para sugestões a pesquisa.

Para os fins desta pesquisa, nos ateremos as questões pertinentes a parte de percepção de corpo encontradas nos questionários respondidos pelos pesquisados.

Os sujeitos pesquisados: Quem são esses professores?

Traçamos um perfil sócio-econômico dos professores pesquisados a partir dos dados coletados nos questionários, dos 34 professores pesquisados, 14 eram homens e 20 mulheres. Este dado aponta para a proporção de homem/mulher de 0,7, considerando-se que os dados do

IBGE (2010) indicam que a proporção de homens para mulheres no Estado de Goiás é de 0,966.

Dos pesquisados, a maioria encontrava-se na faixa entre 21 à 30 anos (14 pessoas, correspondendo à 41 %), indicando um perfil relativamente jovem. Outro grupo significativo, 38%, tinham idade entre 31 à 40 anos e os demais distribuídas nas outras faixas, como pode-se observar no gráfico abaixo.

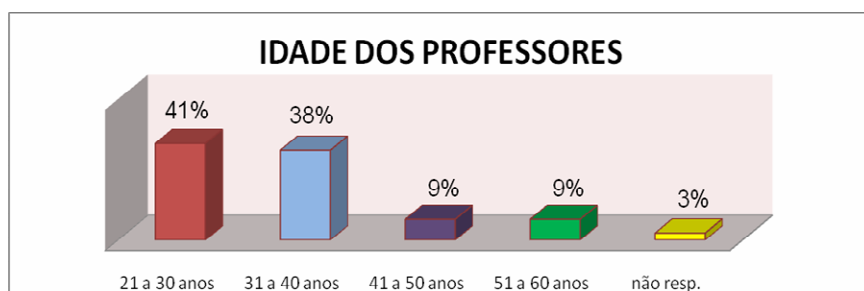


Figura 1. Gráfico de idade dos professores.

No que diz respeito à formação acadêmica, 79% dos pesquisados informam ter feito seu curso superior em instituições públicas situadas no Estado; 12% relatam serem formados em instituições particulares, que se situam entre os Estados de Goiás, São Paulo e Mato Grosso. Os demais não informaram a instituição onde se graduaram.

Quanto ao tempo de formação, em sua maioria os professores possuem até 5 anos de formação (35%), o que sugere um perfil de professores provavelmente mais atualizados em relação às tendências pedagógicas em Educação Física, bem como, também, possivelmente mais cientes em relação as demandas sociais, ainda que com menor experiência profissional. Dos demais, os dados indicam que 21% possuem entre 6 e 10 anos, 24% possuem entre 11 e 20 anos de formados, 6% entre 21 e 30 anos e por fim, 3% informam terem concluído seus estudos de graduação de 31 a 40 anos.

Quando questionados sobre há quanto tempo lecionam, a grande maioria dos pesquisados (44%) responderam dar aula entre 1 e 5 anos, indicando, mais uma vez, um perfil jovem e pouco experiente no âmbito profissional, mas com uma formação mais atualizada no nível inicial da carreira docente. Os demais se situaram em diferentes faixas de tempo no magistério, conforme observa-se na figura abaixo.

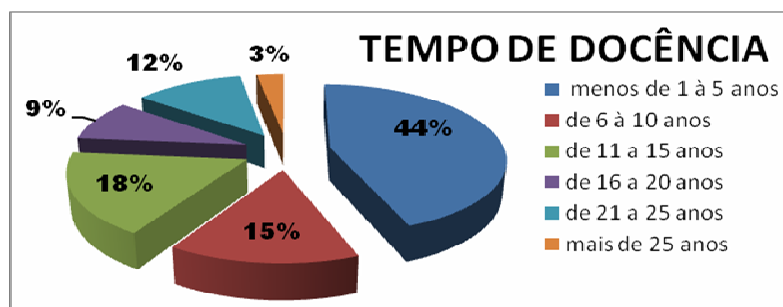


Figura 2. Gráfico do tempo de trabalho com docência.

Quando questionados sobre o tempo de docência na mesma escola, 29% dos professores relataram trabalhar há pouco tempo nas instituições de ensino em que se encontravam neste caso, menos de um ano e 18% trabalham há menos de 2 anos nas instituições pesquisadas; também 29% trabalham de 2 a 5 anos na instituição participante da pesquisa; 6% trabalham de 6 a 10 anos e igualmente 6% trabalham de 11 a 15 anos na instituição; 3% trabalha de 16 a 20 anos na escola pesquisada e por fim 9% trabalha há mais 21 anos na instituição participante da pesquisa.

A auto-percepção de corpo dos pesquisados e suas relações com a emergência de uma saúde “à flor-da-pele”

Buscou-se verificar qual é a auto-imagem corporal dos professores e ao realizar tal análise percebemos uma forte relação entre a visão de saúde dos pesquisados e uma noção estética, uma saúde que se expressa na beleza dos corpos, em suas formas torneadas e o mais livre de gordura possível, uma saúde “à flor-da-pele”.

Primeiramente, analisando os dados verificamos que a maioria dos professores, 44% se vêem acima do peso; 26% se vêem como esbeltos; 18% dizem se ver como pessoas magras; 3% dizem ser obesos; e 9% não responderam à pergunta.

Importante destacar que a pergunta não faz referência ao peso efetivo do pesquisado, não pergunta sobre quantos quilos são mostrados no contador da balança no momento em que este sobe no aparelho. Não utiliza, também, de parâmetros como Índice de Massa Corporal (IMC) ou percentual de gordura para definir o *status* de “acima do peso”; apenas indaga como esses professores se vêem quando se encontram em frente a um espelho, revelando aspectos subjetivos dessa questão. Uma pessoa que se julgou “acima do peso” pode muito bem não estar nessa condição se utilizarmos outros parâmetros objetivos para definirmos tal *status*,

logo essa percepção subjetiva pode ser decorrente de uma série de influências sociais, às quais todos estão submetidos e que, por sua vez, podem ser perversas. Sendo assim, essa questão muito mais se relaciona ao contexto sócio-histórico e cultural do qual o indivíduo faz parte e que é constituinte de como esse indivíduo se vê frente ao espelho, do que se relacionada a simples dados numéricos referentes a questões de saúde pública.

A percepção da auto-imagem corporal de parte significativa dos professores como sendo pessoas acima de seu peso ideal pode ser compreendida de diferentes maneiras. Inclusive como um avanço dos estereótipos de beleza e de uma “estética da magreza” que já há muito vem sendo difundida pela mídia (SILVA, 2001).

O corpo, como ressalta Nóbrega (2001, 2001, p. 01-02) é agora tomado por

Uma nova cultura do consumo se estabelece a partir da imagem do corpo bonito, sexualmente disponível e associado ao hedonismo, ao lazer e à exibição, enfatizando a importância da aparência e do visual. Essas imagens de corpo são divulgadas pelos meios de comunicação de massa e mídia eletrônica, exigindo toda uma rotina de exercícios, dietas, cosméticos, terapias, entre outras preocupações com a imagem e a auto-expressão, uma exposição sem limites do corpo (*corpo-outdoor*).

Objetivou-se também conhecer se os pesquisados teriam algum ideal de beleza e com isso pudemos observar que a maioria, 53% deles, diz não possuir nenhum ideal de beleza; 35% admitem ter um ideal de beleza e por fim, 12% não responderam a pergunta. Interessante ressaltar que uma maioria responde não ter um ideal de beleza, um dado que evidencia uma contradição com as respostas prestadas em outra questão acerca do que o pesquisado faz para manter ou atingir este ideal de beleza. Ora, não há nada a se fazer para se atingir um ideal quando esse ideal não existe, indicando uma contradição básica com o que foi afirmado anteriormente.

Quando questionamos aos professores acerca de quais as características do considerado belo e, portanto, almejado pelos pesquisados, pudemos notar que os professores respondem a tal questão quase sempre sob uma perspectiva de aproximações entre saúde e estética. Vejamos alguns de seus discursos sobre as características de uma pessoa bela:

“Carismática, sociável, educada e que se cuide em todos os aspectos, tanto psicologicamente quanto fisicamente” (P.25); Outro professor, parece também ter tal olhar, ao afirmar: *“São vários fatores, desde objetivos: a pessoa ser mais ou menos magra, e subjetivos; pessoa inteligente, carinhosa”* (P.20). Uma professora faz outro tipo de diferenciação nas características do ser belo, afirmando: *“Fisicamente: Estar com peso*

normal, cabelo e pele bem cuidados, saúde boa. Emocionalmente: equilibrada e de bem com a vida” (P.33).

O depoimento desses professores mostra certa persistência nos dualismos entre corpo e mente, porém, tensionados por diferentes perspectivas de compreensão da corporalidade que indicam a incorporação de novos elementos entre os professores de Educação Física, essa relação de tensão entre concepções dualistas e concepções ampliadas de corpo, há muito já vêm sendo demonstrada pela literatura acadêmica (BARBOSA, 1996; NOBREGA, 2001; OLIVEIRA, OLIVEIRA, VAZ, 2008).

Fica evidenciado, também, que as questões que figuram num campo mais próximo à saúde aparecem como sinônimo de beleza, como as questões do “peso normal”, o “cuidado” com o psicológico e o fisiológico, uma contradição que se expressa por meio de um questionamento: antes cuidar da saúde em seu aspecto amplo para exteriorizar uma “beleza”, ou simplesmente mostrar visualmente características associadas a uma visão superficial de “saúde” que transmitam essa idéia de saúde através da beleza ao próximo? Nas duas opções a estetização da saúde pode ser observada na medida que é na estética (e na percepção de beleza do Outro) que essas relações se estabelecem.

Notamos mais claramente esse processo de aproximação da saúde e da estética nos discursos de outros professores ao responderem também sobre as características belas são valorizadas por eles, onde se percebe uma aproximação de um ideal de saúde e estética, com a valorização de uma aparência que transmita bem estar e saúde, talvez, mais do que o bem estar e saúde em si.

Representativa desse grupo é a percepção de uma professora ao responder que bela “*É uma pessoa saudável, com corpo bonito, dentes bonitos.*” (P.31). Um outro professor acrescenta que aspectos de beleza são “*Corpo saudável e bem cuidado, e além de tudo sarado*” (P. 24). Vale frisar que a expressão “sarado” enfatizada pelo professor é carregada de juízo de valores e com uso frequente, especialmente no senso comum porém também nos meios especializados, associado a hipertrofia muscular e diminuição do percentual de gordura, diferentemente do seu uso tradicional associado a aquisição da saúde. Por outro lado, de acordo com o estudo de Baptista (2007), a perspectiva do corpo sarado e valorizado, também pode estar relacionada ao valor de troca do corpo, uma vez que este valor se amplia facilitando a aceitação e sucesso na dinâmica social.

Um professor informa mais claramente que bonita “*Seria uma pessoa com **aparência física saudável***” (P.32) (grifo nosso). Outra professora responde que uma característica de beleza seria apresentar “*Corpo em forma, saúde.*”. Ainda nessa perspectiva, porém, com outras nuances, uma professora destaca como bela “*Uma pessoa com aparência de saudável e feliz*” (P. 5), dados que corroboram com as conclusões de Baptista et al (2010).

Ainda nessa perspectiva de saúde relacionada à beleza, uma professora relata valorizar como belo “[...] *as características sociais, os traços, o corpo esbelto, cabelos cuidados, na verdade depende da simpatia da pessoa. Na verdade não tenho um ideal de beleza [...]*” (P.26), porém essa mesma professora quando questionada, sobre se faz algo para manter seu ideal de beleza responde: “*Cuido da saúde*”. Importante destacar que a mesma professora responde a questões sobre se tem um ideal de beleza marcando a alternativa “não”, o que parece indicar certa ambiguidade em sua concepção.

Essa definição de beleza imbricada com a saúde merece uma reflexão mais atenta, na medida em que se pode perceber que a “saúde” objetivada figuraria mais no domínio da aparência, do que em sua efetividade. A saúde parece-nos, assim, estar intrinsecamente ligada a um processo de estetização que viria, talvez, para legitimar ideais estéticos veiculados largamente na atualidade, seja pela mídia, seja pelas relações pessoais como um todo, e que se inter-relacionam a lógica econômico-social capitalista.

Outra questão objetivava traçar um perfil estético personificado por pessoas públicas que se encaixassem nas características que os pesquisados destacaram como de uma pessoa bela. Os pesquisados que identificaram uma pessoa pública correspondendo ao seu ideal de beleza e citaram a entrevistadora Marília Gabriela, as artistas Jennifer Lopez, Cláudia Raia, Malu Mader, Fernanda Lima, Fernanda Montenegro, Juliana Paes, Daniele Sousa, o ator Brad Pitt e o cantor Samuel Rosa. Pessoas altas e magras como modelos profissionais também são citadas, e duas pessoas indicaram a atleta Maureen Maggi como correspondente ao seu ideal de beleza.

Esse dado parece confirmar a afirmação de Carvalho (1999 apud NEPOMUCENO, 2010, p. 4):

Ademais, o padrão de corpo que esses veículos expõem são facilmente aceitos pela maioria dos indivíduos sem um mínimo de reflexão crítica. Para garantir sua missão, a indústria cultural expõe pessoas “[...] de projeção na sociedade de consumo estrela de televisão são pessoas que sustentam a filosofia do divertimento. Têm prestígio, são **modelos de corpos**” [...]. (Grifo nosso)

Quando questionados, os professores identificam algumas diferenças entre os vários critérios adotados na seleção das personalidades que mencionam como sendo o modelo “ideal” de beleza e seus critérios parecem estar relacionados ao contato e aparição destas pessoas nos meios de comunicação de massa. Com isso, mais uma vez identifica-se a complexidade dessa análise, haja vista que a subjetividade pode estar sendo reconstruída a todo o momento, na tensão com os interesses propostos por esses meios, pois são sujeitos desse tempo histórico.

Quando questionados sobre seus hábitos e atividades para se aproximarem de um ideal de beleza (que vale ressaltar é enfatizado pela maioria como não existente, pois informa não ter um ideal de beleza), os professores dizem realizar diferentes práticas corporais e por vezes, dizem se cuidar “em todos os aspectos”, sem muitas especificações.

Vários dos pesquisados valorizaram, em primeiro plano, a estratégia de exercitação corporal para manter ou atingir o ideal de beleza. Vejamos o relato de um professor: “*Sim, malho bastante*” (P. 24). Outra professora, diz apenas “*Caminhada*” (P.12); Um professor parece organizar-se na mesma perspectiva e informa: “*Sim, pratico atividade física regular e prazerosa*” (P. 32). Já outro professor diz: “*Sim, pratico atividades físicas, lúdicas, de recreação. E me cuido em todos os aspectos*” (P.25).

O cuidado com a alimentação, dentre outros aspectos, também foi observado nas respostas de cerca de 4 professores, dentre as quais destacamos: “*Sim. Procuo me alimentar corretamente, pratico exercício físico regularmente, cuido da minha pele e cabelo, cuido da minha vida espiritual e mantenho o equilíbrio*” (P. 33). Outra professora também responde com esse enfoque, dizendo: “*Sim. Procuo reeducar minha alimentação e pratico atividades físicas todos os dias*” (P. 7). Outra menciona: “*Não. Faço o que penso que todos deviam fazer que é comer bem (envolvendo os nutrientes necessários), faço caminhada, não fumo e tenho lazer*”(P. 4).

As percepções de saúde e estética mostram-se intrinsecamente vinculadas, em boa parte dos sujeitos pesquisados, uma professora inclusive menciona o cuidado com a saúde como uma estratégia à manutenção da beleza, relatando: “*Cuido da saúde*” (P. 26). Discursos construídos desta forma parecem corroborar a uma concepção de saúde enquanto sinônimo de não doença, não se ressaltando nenhuma relação política com os meios sócio-culturais nos quais encontram-se inseridos.

Sobre estas questões referentes aos cuidados com o corpo e suas relações com a cultura do consumo, Nóbrega (2001, p. 02) diz que

Featherstone et alii (1996) analisam essa emergência da cultura do consumo a partir de dois pilares básicos, a saber: a manutenção e a aparência. A aparência relaciona-se com as imagens de corpo, a preocupação com o “visual”. A manutenção relaciona-se com as rotinas de adequação aos valores e padrões de consumo divulgados pelas próprias imagens. Aparência e manutenção são categorias que se retroalimentam, na lógica fantasiosa do consumo.

Assim sendo, poderíamos dizer que as estratégias e ações para atingir ou manter o ideal de beleza expressas pelos professores em seus discursos, ao se relacionarem com ações em prol do “saudável” parecem ir ao encontro da referida rotina de adequação às imagens propostas pela lógica de consumo, já que esta busca do saudável é mais uma busca do estético, e este estético se subordina assim a uma lógica de aparências imposta pelos interesses consumistas contemporâneos.

Para a cultura de consumo, o corpo é veículo de prazer, estando associado a imagens idealizadas de juventude, saúde, aptidão e beleza, que favorecem a expansão da indústria da moda, cosméticos, academias de ginástica e afins. A manutenção, terminologia que indica a popularização da metáfora do corpo-máquina, demanda a monitoragem do atual estado da performance corporal, envolvendo a medicina preventiva, a educação para a saúde e o *fitness*. Surge também a preocupação com o valor calórico dos alimentos, com os diferentes tipos de atividade física, a intensa divulgação de manuais de auto-ajuda, de dietas de todos os tipos, enfim, o disciplinamento do corpo e sua submissão à cultura de consumo. A percepção do corpo é dominada pelas imagens da cultura de consumo, refletindo na percepção da vida social e das relações humanas de um modo *geral* (*Featherstone et alii, Op. Cit.*). (NOBREGA, 2001, p. 02)

Importante destacar, assim, que esse conjunto de dados acerca de aproximações da saúde com relações estéticas não é monolítico e outras e variadas perspectivas apareceram na percepção dos professores. Um deles, inclusive, informa: “*Procuro ficar o meu tempo livre ao lado das pessoas que eu gosto, e às vezes lendo algo interessante ou assistindo algum filme também*” (P. 2), e esta declaração caminha em direção a sua resposta a questão anterior acerca das características de uma pessoa bela; qual seja: “*Felicidade, realização pessoal.*”. Outro professor informa, ainda, não possuir estratégias para atingir ideais de beleza: “*Não. Muito menos seguir padrões de beleza difundidos pela mídia. Tenho a minha identidade.*” (P. 1). Assim sendo, outras perspectivas também são identificadas. Vale ressaltar que talvez tais perspectivas não sejam mais ou menos válidas de questionamento, já que também se polarizam em extremos, no primeiro caso, uma aparente desconsideração da dimensão corporal quando se trata das estratégias para se atingir um ideal de beleza, na segunda

declaração, uma aparente desconsideração das influências externas na construção da identidade individual. Casos também a se questionar.

O corpo e seus indicadores: considerações acerca dos resultados da pesquisa

Parece-nos que indícios de um processo de estetização da saúde constitui-se como um dos principais dados desta pesquisa, visto que uma parcela significativa dos professores relaciona o estar saudável a uma aparência de beleza, tal como denominamos aqui, uma saúde “*à flor-da-pele*”.

Esta percepção, pode-se dizer também é tida de certa forma por Eufrásio e Nóbrega (2007) que ao pesquisarem saúde e estética no âmbito de academias de ginástica com seus frequentadores, analisando seus discursos, percebem que para estes a questão da saúde figura em um universo simbólico que mais se relacionaria a estética. Os autores esclarecem que “[...] o conceito de saúde para eles [os frequentadores] muitas vezes refere-se, ele mesmo, as melhorias estéticas.” (EUFRÁSIO; NÓBREGA, 2007 p.165) Assim sendo, o trabalho com o corpo parece se justificar no discurso da promoção da saúde, mas na promoção de uma saúde parcial que não contempla a totalidade humana. Os autores ainda mencionam que um pesquisado acreditaria que um indivíduo com o corpo “malhado” provavelmente seria um indivíduo saudável, mostrando pairar no imaginário leigo a concepção e que saúde e estética figurariam em patamar de igualdade.

Notamos que alguns de nossos pesquisados, professores formados (e como vimos em sua maioria recém formados) parecem, assim como os leigos frequentadores de academias pesquisados por Eufrásio e Nóbrega (2007) tomarem algumas características de uma concepção de saúde que privilegia os dados objetivos e aparentes, uma concepção que perpassa pelo conceito de “ausência de doença” mas que por vezes se extrapola para uma manifestação estética dessa “ausência de doença”.

Este conceito não se coloca como uma concepção de uma saúde multi-referenciada, tal como nos aspectos destacados por Minayo (1992, p.10 apud PALMA, 2001, p. 29) que traz saúde como sendo

[...] resultante das condições de alimentação, habitação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso aos serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida.

Muitos professores dizem não ter um padrão de estética, porém, muito também informam cuidar de sua alimentação e exercitar-se de forma regular para atingir seus objetivos estéticos. Cuidar da alimentação e realizar práticas corporais são estratégias mais relacionadas à dimensão biológica do que às outras dimensões do indivíduo, e é claro, muito se relacionam a saúde, nas concepções amplas desta, porém a equivalência entre saúde e estética parece não corroborar a este entendimento mais ampliado de saúde.

Tais relações se dispõem de forma a evidenciar uma dimensão leiga de saúde traga nos discursos destes professores, que muito nos mostra ser preocupante ao levarmos em conta possíveis influências destes professores nos processos de desenvolvimentos de seus alunos, inclusive o desenvolvimento de uma corporalidade. Questões que merecem um aprofundamento.

Relevante é também reconhecer que na percepção dos professores participantes da pesquisa, parece também haver a emergência de concepções mais críticas de abordagem e discussão acerca do corpo, ainda que com tensões e ambiguidades na relação com as influências da indústria cultural, o que já representa um avanço quando comparada com momentos anteriores da Educação Física brasileira.

Ainda que considerando necessidades e possibilidade humanas, não se deve descartar, porém, o quanto “cuidar da alimentação” e fazer “atividades físicas”; podem ser estratégias subordinadas a realidades fetichizantes do corpo, tal como identificado por Nóbrega (2001). Compreender esse processo de subordinação aos padrões de beleza difundidos pela mídia e historicamente constituídos, permanece sendo tarefa de todos os educadores em sua auto-percepção e em sua intervenção pedagógica no âmbito escolar, vez que é na história que tais processos se concretizam. Assim sendo, desmistificar tais processos aos estudantes pode se mostrar como uma forma de também permear nossos alunos de responsabilidades e potencialidades de mudanças históricas.

Concordamos também com Eufrásio e Nóbrega (2007) ao dizerem ser necessário a nós atuantes na área de Educação Física que, comecemos a modificar este pensamento reducionista a respeito do corpo e suas múltiplas dimensões humanas. Segundo os autores

É necessário que, primeiro nós profissionais, mudemos esse pensamento reducionista nos conceitos de corpo, saúde e estética, para depois começarmos a despertar uma nova consciência para nossos alunos, rompendo de forma crítica com esses paradigmas reducionistas atuais, pois continuar restringindo nosso próprio horizonte é uma atitude um tanto quanto limitada [...] (EUFRÁSIO; NÓBREGA, 2007 p.166)

Sendo assim, os dados dessa pesquisa nos fornecem, subsídios consideráveis a uma perspectiva da concepção de corpo que se encontra em construção entre os professores, do processo de estetização da saúde e sua manifestação “à flor-da-pele”, além das implicações pedagógicas daí decorrentes e que se interligam as relações de gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

REFERÊNCIAS:

BAPTISTA, T. J. R. *Educação do corpo: produção e reprodução*. Tese (Doutorado em Educação). UFG, Goiânia, 2007.

BAPTISTA, T. J. R. et al. Reflexões sobre o Corpo em Academias de Ginástica de Goiânia. IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte, I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 22 a 25 de Setembro de 2010, Brasília – DF. Anais... , pp. 174-184. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/congressos/index.php/4concoce/4concoce/paper/viewFile/2590/1159>. Acesso em: 26/04/2011.

BARBOSA, S. R. *Corporeidade: quais são as concepções de corpo presentes nos discursos dos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Uberlândia*. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1996.

EUFRÁSIO, J. J. G.; NÓBREGA, T. P. Que corpo é esse? Saúde e estética na academia de ginástica. IV Congresso Científico Norte-nordeste, 14 a 18 de Novembro de 2007, Fortaleza – CE. Livro de Memórias..., pp. 161-167. Disponível em: http://www.sanny.com.br/pdf_eventos_conaff2/Artigo22.pdf. Acesso em: 09/05/2011

FRAGA, A. B. Histórias sobre o corpo educado no Brasil. *Educação em Revista*, n 47, Jun/2008.

LÜDORF, S. A. A Prática pedagógica do professor de Educação Física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores Universitários. *Revista Pensar a Prática*, vol 08, n. 2, julho/2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pirâmide Etária em Goiás – Censo 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/censo2010/piramide_etaria/index.php. Acesso em: 25/04/2011.

MENDES, M. I. B de S.; NÓBREGA, T. P. Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura. *Revista Pensar a Prática*, vol. 12, n. 2, Ago/2009.

NEPOMUCENO, M. O Corpo na Dança: Uma Reflexão a partir dos olhares da Indústria Cultural. *Revista Pensar a Prática*, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 119, jan./abr. 2010.

NÓBREGA, T. P. Agenciamentos do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física. *Revista Motrivivência*, Ano VII, n. 16, Mar/2001.

OLIVEIRA, M. A. T.; OLIVEIRA, L. P. A.; VAZ, A. F. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina Educação Física. *Revista Pensar a Prática*. Vol. 11, n. 3, Dez/2008.

PALMA, A. Educação física, corpo e saúde: Uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas, v. 22, n. 2, p. 23-39, jan. 2001.

SILVA, A, M. *Corpo Ciência e Mercado*: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores associados, 2001.

VAZ, A. F. Aspectos, contradições e mal-entendidos na educação do corpo e a infância. *Revista Motrivivência*, Ano XIII, nº 19, Dez/2002.